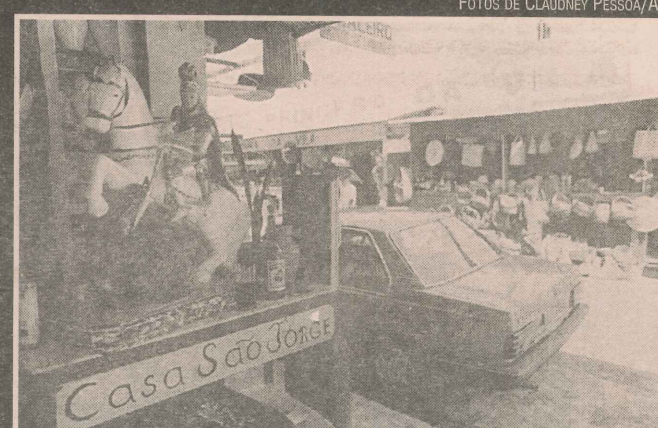




A diversidade marca a Praça do Palmito



Nos botecos, a saudade regada a cachaça



Comércio de magia e esperanças

Vila Rubim apaga as chamas

CYRO DENADAY - 1º/07/94



Incêndio na Vila Rubim: uma das maiores tragédias de Vitória

Em meio aos escombros, o bairro luta por sua sobrevivência e tenta esquecer o amargo 1º de julho de 94

O saudosismo é o sentimento predominante entre os moradores e comerciantes da Vila Rubim, que não conseguem esquecer o tempo em que o local figurava como o melhor centro comercial do Estado. O crescimento do comércio contribuiu para diminuir o movimento da região, que sofreu ainda mais depois do incêndio ocorrido em 1º de julho de 1994.

Hoje, a Vila Rubim vive o drama de lutar pela sobrevivência, ao lado dos comerciantes, que reergueram suas lojas em meio aos escombros. Se sentindo totalmente abandonados, eles reclamam da marginalidade, da prostituição e do descaso das autoridades, mas afirmam que não trocam a Vila por outro lugar. "A minha vida está aqui", resume a comerciante Josefina Ferreira de Souza, 52, que há 13 anos tem uma barraca de bolsas, calçados e bonés.

Mesmo assim, ela reclama que o local é alvo de marginali-

dade, o que afasta a freguesia. "Falta policiamento nesta região. Tem muita gente boa aqui, mas depois que é assaltado ninguém volta". Uma moradora que não quis se identificar acredita que o pior problema é o tráfico de drogas. "É horrível saber que a droga rola solta por aqui. Vivemos apreensivos com os marginais que funcionam como 'aviões' de traficantes".

O presidente da Associação dos Comerciantes da Vila Rubim, Aristides Constantinides, reclama da falta de estrutura que tomou conta do mercado depois do incêndio. "Estamos vivendo sem dignidade, já que a Vila está totalmente abandonada. O Governo não se preocupou com a gente e deixou o nosso galpão a mercê dos mendigos".

Aristides, conhecido como "Gringo", veio do Egito em 1949 e começou a trabalhar com venda de frutas e especiarias. Deitado num pequeno corredor que serve de depósito no mercado, ele gosta de lembrar os velhos tem-

pos enquanto se recupera da fratura que teve na perna. "Vivi a maior parte da minha vida neste lugar. É como se fosse a minha casa".

Como Aristides, a Vila Rubim conserva muita gente antiga, que não troca o trabalho no mercado por nada. O proprietário do Salão Queiroz, um dos pontos mais tradicionais da Vila, José Rodrigues Sobrinho, relembra de quando começou a trabalhar, há 20 anos. "Tudo girava em torno deste lugar. Hoje, principalmente depois do incêndio, estamos abandonados. Mas tenho esperanças de que a situação melhore e o governo não invista somente na região Norte".

Através da Companhia de Desenvolvimento de Projetos Especiais (Codespe), o governo elaborou um projeto para reconstruir o prédio que pegou fogo. O projeto prevê obras de melhoria na Vila Rubim, mantendo suas características originais. A obra, orçada em R\$ 2,5 milhões, ainda não tem data para começar.

Entre noivas, barracas, cachaça e umbanda

A Vila Rubim pode tudo. O que destoaria em qualquer lugar, faz uma estranha combinação na Vila Rubim. Casas de noiva misturadas a lojas de umbanda, roupas de banca junto com barracas de ervas medicinais e pequenos botecos regados à cachaça. Sem contar as lojas de discos, as bancas de calçados e artigos "importados" do Paraguai.

Nas lojas, a diversidade de artigos é enorme. "Vendemos o que o povo quer: buchas vegetais, chapéu de palha, ervas e flores", diz o proprietário da banca Princesinha da Vila, Antônio Pereira, que trabalha há oito anos no local. "Mesmo sem estrutura, a Vila parece ter uma sedução, ela atrai as pessoas. Quem conhece gosta daqui", completa.

A sedução da Vila Rubim passa de pai para filho. Renato Freixo de Souza, 30, foi criado na Casa São Jorge Cavaleiro, onde aprendeu os macetes da venda com o seu pai, que também foi ensinado pelo seu avô. "Esta loja tem 38 anos de funcionamento e trabalho aqui desde os sete anos. Minha infância foi brincar de trabalhar na Vila Rubim", conta.

No mercado de noivas, a

Vila é campeã absoluta. Tem 22 lojas somente de roupas e acessórios para casamento. A maioria pertence a uma só família, como declara o proprietário da Noivas Catarina e Arley Noivas, Júlio Krause. "Já é uma tradição ir a loja de noivas na Vila Rubim. Quando a pessoa quer casar, já vem logo pra cá", explica.

A primeira loja do ramo, a Clara Noivas, foi inaugurada na Vila em 1960. Depois, os conhecimentos do negócio foram transmitidos à família e os parentes foram montando os próprios negócios. Hoje, da Clara Noivas, já "nasceram" as casas de noivas Rosemary, Rosineide, Catarina, Angélica, Alice, Aparecida, Linda e Arley.

As bancas de roupas que oferecem produtos simples a preços baixos também são comuns na Vila Rubim. A proprietária da Brasileira Roupas, Lucineide Rocha Schmidt, conta que o seu pai iniciou o negócio há mais de 40 anos. "A Vila vende coisas boas, mas há um certo preconceito. Por causa do preço baixo, muita gente acha que tudo aqui é porcaria", enfatiza.

De Cidade da Palha a mercado

O cenário era simples, assim como seus moradores. As casas, que abrigavam principalmente pescadores, eram feitas de palha, o que inspirou o nome do pequeno vilarejo. No final do século passado, Vila Rubim se chamava "Cidade da Palha", nome que foi trocado por volta de 1910, em homenagem ao governador Francisco Alberto Rubim.

"A pequena Cidade de Pa-

lha era composta principalmente por pescadores, já que era cercada de mar. As pessoas eram humildes e as casinhas sem estrutura", explica o historiador Renato Pacheco. Ele conta que, no início do século, o pequeno comércio começou a crescer por causa de sua localização, já que era o único acesso à Vila Velha e até ao Rio de Janeiro.

Quando já estava com uma

forma mais estruturada, em 1910, o nome foi trocado para Mercado da Vila Rubim. A partir da década de 30, o número de lojas aumentou significativamente e na década de 50, funcionando como trajeto do trem, o mercado passa a ter projeção nacional. "Todo mundo fazia compras na Vila Rubim, que era o ponto comercial mais famoso da época", diz Renato Pacheco.

**ALCANÇOU
A GRAÇA
DESEJADA?**

Agradeça.

**Publique em
a TRIBUNA**

Classificados que dão conta do recado 200 2222